




CAPÍTULO 11

AVANÇOS RECENTES E PERSPECTIVAS DAS PROTEÍNAS ALTERNATIVAS NO BRASIL

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.13025171011>

Mayara Zagoto

Alexandra Perdigão Maia de Souza

Caroline Crivelaro de Oliveira

Elizangela Regina da Silva Martins

Luciene dos Santos Sobczak

Simone Maria Altoe Porto

INTRODUÇÃO

A transição para sistemas alimentares sustentáveis tornou-se uma das prioridades globais nas últimas décadas, impulsionada pelo crescimento populacional, pelas pressões ambientais e pelas mudanças nos padrões de consumo. De acordo com Ritchie e Roser (2022), a diversificação das fontes proteicas é fundamental para reduzir a dependência da pecuária tradicional, um setor responsável por significativa emissão de gases de efeito estufa e uso intensivo de recursos naturais. Nesse panorama, o Brasil emerge como um dos países com maior potencial de inovação, dada sua sólida base agrícola, sua diversidade biológica e a crescente articulação entre universidades, startups e instituições governamentais.

Nos últimos cinco anos, observa-se no território brasileiro uma intensificação dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento de proteínas alternativas, com foco principalmente na fermentação microbiana, fermentação de precisão, micoproteínas e cultivo celular. Segundo Lima et al. (2023), o Brasil vive um momento estratégico em que tecnologias disruptivas e políticas de inovação começam a convergir, favorecendo a criação de soluções alimentares de menor impacto ambiental e maior eficiência produtiva. O presente capítulo explora em profundidade o cenário atual, os avanços

mais recentes e os desafios que ainda precisam ser superados para a consolidação do país como potência global em proteínas alternativas.

DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO NO BRASIL

O desenvolvimento tecnológico brasileiro no campo das proteínas alternativas tem se caracterizado por um conjunto de iniciativas que integram pesquisa científica, industrialização e participação ativa de startups. Conforme discutido por Torres et al. (2024), os ambientes de inovação, como parques tecnológicos e laboratórios de biotecnologia, têm desempenhado papel central no avanço dessas tecnologias ao facilitarem conexões entre academia e setor produtivo.

A seguir, detalham-se os principais eixos tecnológicos que vêm conduzindo os avanços brasileiros nesse setor.

Fermentação de Precisão

A fermentação de precisão consiste no uso de microrganismos geneticamente programados para produzir proteínas com alta especificidade, como caseína, lactoferrina e proteínas estruturais aplicadas em análogos de carne. De acordo com Silva e Castro (2023), essa tecnologia representa uma das áreas mais promissoras no Brasil, especialmente por permitir a fabricação de ingredientes idênticos aos encontrados em produtos animais, porém sem a necessidade de criação ou abate. Torres et al. (2024) evidenciam que diversas startups brasileiras têm desenvolvido plataformas biotecnológicas baseadas em leveduras e bactérias para otimizar processos fermentativos, reduzindo custos operacionais e aumentando a eficiência produtiva. Um dos desafios mais relevantes relatados pelos autores é a dependência de ingredientes e equipamentos importados, que aumentam os custos de produção. Contudo, iniciativas recentes vêm buscando alternativas nacionais para meios de cultivo e insumos.

Além disso, Ferreira e Moura (2024) destacam que o Brasil possui uma vantagem comparativa significativa devido à ampla oferta de substratos agrícolas, como milho, mandioca e cana-de-açúcar, que podem ser utilizados como matéria-prima para fermentação. Isso reforça o potencial do país para se tornar líder regional na produção de proteínas via fermentação de precisão.

Fermentação Fúngica e Micoproteínas

A fermentação fúngica permite o crescimento de fungos filamentosos capazes de produzir biomassa rica em proteínas, fibras e micronutrientes. Pesquisas conduzidas por Santos et al. (2023) demonstram que micoproteínas obtidas a partir de espécies

como *Fusarium venenatum* e *Rhizopus oryzae* possuem excelente perfil nutricional, além de apresentar textura semelhante à de fibras musculares animais.

No Brasil, Ferreira e Moura (2024) apontam que diversos grupos acadêmicos têm aprimorado condições de cultivo, selecionando linhagens nativas de fungos capazes de gerar maior rendimento proteico e melhor desempenho em meios de baixo custo. Outro avanço significativo refere-se à otimização de biorreatores, possibilitando maior controle sobre temperatura, pH e oxigenação, fatores essenciais para a estabilidade da produção.

Do ponto de vista sensorial, os pesquisadores relatam que uma das principais metas atuais é reduzir sabores e aromas indesejáveis típicos de alguns fungos, o que envolve tanto melhorias genéticas quanto ajustes no processamento pós-colheita.

Cultivo Celular

O cultivo celular — também conhecido como carne cultivada — constitui uma das fronteiras tecnológicas mais sofisticadas no campo das proteínas alternativas. No Brasil, apesar de ainda estar em fase preliminar, o setor tem avançado de forma constante. Segundo Almeida et al. (2024), universidades brasileiras têm estabelecido protocolos mais eficientes para a proliferação de células musculares e adiposas, com ênfase especial na criação de meios de cultura de menor custo.

O uso de scaffolds biocompatíveis também tem sido objeto de estudo. Gomes e Ribeiro (2024) mostram que materiais à base de celulose, quitosana e proteínas vegetais têm demonstrado potencial como estruturas capazes de orientar o crescimento celular tridimensional. Esses avanços são cruciais para reproduzir a textura mais realista da carne convencional.

Além dos desafios técnicos, a regulamentação brasileira para carne cultivada ainda está em desenvolvimento. No entanto, os especialistas afirmam que a criação de diretrizes claras é um passo fundamental para atrair investidores e acelerar pesquisas.

DESAFIOS PARA ESCALONAMENTO INDUSTRIAL E COMPETITIVIDADE

Apesar dos avanços tecnológicos, o setor de proteínas alternativas enfrenta obstáculos significativos para alcançar escala industrial. Conforme relatado por Martins e Prado (2023), os custos de instalação e operação de biorreatores permanecem elevados, dificultando a competitividade dos produtos frente aos de origem animal.

Outro desafio relevante refere-se à capacitação profissional. Oliveira et al. (2024) enfatizam que o país necessita de maior formação de especialistas em bioprocessos, engenharia metabólica, cultivo celular e microbiologia industrial. Sem mão de obra qualificada, a expansão do setor tende a ser limitada.

Além disso, a aceitação do consumidor brasileiro desempenha papel central. Estudos de Farias e Couto (2023) revelam que, embora haja crescente curiosidade, parte significativa da população ainda associa produtos biotecnológicos a riscos ou artificialidade. Assim, estratégias de comunicação, rotulagem clara e certificações podem contribuir para ampliar a confiança do público.

SUSTENTABILIDADE E IMPACTO AMBIENTAL

As proteínas alternativas vêm ganhando destaque principalmente devido aos seus benefícios ambientais. Pesquisas de Costa et al. (2023) apontam que a fermentação microbiana pode reduzir em até 90% as emissões de gases de efeito estufa quando comparada às proteínas derivadas da pecuária.

No contexto brasileiro, essa vantagem é ainda mais significativa. Mendonça e Souza (2024) destacam que a adoção dessas tecnologias pode diminuir a pressão por desmatamento, reduzir o uso de água e contribuir para uma economia circular baseada em resíduos agrícolas. A transformação de subprodutos da cana, mandioca e milho em ingredientes de alto valor nutricional exemplifica bem essa possibilidade.

Além disso, Freitas et al. (2023) ressaltam que a biodiversidade microbiana brasileira representa uma vantagem competitiva global, oferecendo oportunidades únicas para descoberta de novas espécies capazes de produzir proteínas com características inovadoras.

PERSPECTIVAS FUTURAS

O futuro das proteínas alternativas no Brasil é promissor e indica forte expansão nos próximos anos. Segundo Barbosa et al. (2024), o país deve tornar-se referência internacional em biotecnologia alimentar graças à combinação de recursos naturais abundantes, base científica consolidada e crescimento de startups especializadas.

Do ponto de vista regulatório, Ramos e Teles (2023) sugerem que o avanço das normas para fermentação e cultivo celular será decisivo para garantir segurança jurídica e atrair investimentos internacionais. O estabelecimento de políticas de incentivo, como linhas de financiamento específicas e programas de aceleração, também será fundamental.

Os autores também apontam que, para garantir expansão sustentável, será necessário investir em educação do consumidor, integração indústria-academia e desenvolvimento de tecnologias de menor custo, especialmente para escalonamento industrial.

EXPANSÃO DOS TEMAS EMERGENTES EM PROTEÍNAS ALTERNATIVAS NO BRASIL

Avanços Recentes em Fermentação de Precisão

A fermentação de precisão tem emergido como uma das tecnologias mais promissoras no Brasil, impulsionada pela demanda crescente por ingredientes sustentáveis e de alto valor nutricional. Estudos recentes mostram que microrganismos geneticamente otimizados conseguem produzir proteínas com elevada digestibilidade e perfil aminoacídico completo, representando uma alternativa viável às proteínas de origem animal (Rodrigues et al., 2024). Além disso, novos bioprocessos estão sendo desenvolvidos com foco na redução de custos, na eficiência fermentativa e na adaptação a substratos regionais, como resíduos agroindustriais, ampliando o potencial competitivo da tecnologia no país (Teixeira et al., 2023).

Cultivo Celular e Suas Implicações Tecnológicas

A produção de carne cultivada tem crescido em relevância no cenário brasileiro, com a instalação de laboratórios especializados e startups focadas em P&D. No entanto, a redução do custo de meios de cultivo permanece o principal gargalo do setor. Pesquisas indicam que o uso de insumos nacionais e a otimização de biorreatores podem reduzir significativamente o custo de produção em médio prazo (Barros & Antunes, 2024). O avanço no desenvolvimento de scaffolds comestíveis, produzidos a partir de biomateriais nacionais como fibras vegetais, tem ampliado a viabilidade técnica e sensorial dos produtos (Oliveira & Castro, 2023).

Sustentabilidade Ambiental e Eficiência de Sistemas Alternativos

Estudos comparativos demonstram que proteínas alternativas, especialmente as derivadas de fermentação e microalgas, apresentam menor uso de água, terra e emissões de carbono quando comparadas às proteínas convencionais (Ribeiro et al., 2023). No Brasil, iniciativas têm explorado o uso de bioenergia e sistemas integrados para diminuir ainda mais a pegada ambiental. Além disso, análises recentes apontam que a adoção de sistemas de economia circular pode ampliar a sustentabilidade do setor ao aproveitar resíduos agroindustriais como matéria-prima para processos fermentativos (Carvalho et al., 2022; Souza et al., 2023).

Aceitação do Consumidor e Barreiras de Mercado

Apesar do progresso tecnológico, desafios relacionados à aceitação do consumidor ainda persistem. Pesquisas recentes revelam que os consumidores brasileiros têm

maior predisposição a experimentar proteínas vegetais e de fermentação do que carne cultivada, devido à percepção de naturalidade e segurança alimentar (Martins & Queiroz, 2023). Estratégias de comunicação, rotulagem clara e certificações de sustentabilidade têm sido apontadas como essenciais para ampliar a aceitação pública (Santos et al., 2023; Almeida et al., 2022).

Políticas Públicas e Democratização Tecnológica

O Brasil tem começado a discutir marcos regulatórios, com foco em garantir a segurança alimentar e promover a inovação tecnológica. A criação de ambientes regulatórios favoráveis, incentivos fiscais e investimentos em pesquisa são considerados essenciais para o crescimento do setor (Ferreira & Gomes, 2024). Além disso, há um movimento crescente para a inclusão dessas tecnologias em políticas de segurança alimentar, especialmente relacionadas à redução da vulnerabilidade nutricional em regiões periféricas (Costa & Nunes, 2024).

Inovação Tecnológica e Bioprocessos Emergentes

Novas abordagens tecnológicas vêm sendo integradas às cadeias produtivas de proteínas alternativas no Brasil. Entre elas, destaca-se o uso de bioprocessos híbridos que combinam fermentação de precisão, biocatálise e engenharia metabólica para aumentar a capacidade de produção e eficiência dos sistemas (Lima & Barbosa, 2024). Esses sistemas permitem modular o perfil nutricional e sensorial das proteínas, tornando-os mais competitivos frente às proteínas animais. Além disso, pesquisas recentes apontam que o uso de inteligência artificial tem sido fundamental na otimização de biorreatores, reduzindo desperdícios e aumentando a estabilidade do processo (Rodrigues et al., 2024).

Mercado, Competitividade e Estratégias Empresariais

O mercado brasileiro tem atraído atenção internacional por possuir potencial agrícola enorme e disponibilidade de biomassa para conversão em proteínas (Mendes & Varalla, 2022). Startups nacionais vêm obtendo investimentos significativos para acelerar o desenvolvimento de ingredientes proteicos inovadores. Contudo, desafios persistem no acesso a insumos tecnológicos e equipamentos especializados, o que eleva custos e dificulta a competitividade frente a países como Estados Unidos e Singapura (Silva & Pereira, 2021). Estratégias empresariais baseadas em clusters de inovação e parcerias público-privadas têm sido apontadas como solução promissora para acelerar o crescimento do setor (Santos et al., 2023).

Perspectivas Futuras para o Brasil

O futuro das proteínas alternativas no Brasil depende da integração entre ciência, indústria e políticas públicas. Pesquisadores apontam que a próxima década será marcada por avanços significativos em escalonamento industrial, redução de custos e novas aplicações tecnológicas, especialmente em fermentação e carne cultivada (Costa & Nunes, 2024). O país também apresenta vantagens estratégicas em biodiversidade e disponibilidade de recursos agroindustriais, o que pode torná-lo referência na produção de proteínas sustentáveis para mercados internacionais (Oliveira & Castro, 2023).

Desenvolvimento Científico Nacional e Participação de Universidades

As universidades brasileiras têm desempenhado papel fundamental na consolidação do campo das proteínas alternativas, especialmente no avanço de pesquisas envolvendo bioprocessos, análise de ciclo de vida e aplicações industriais. Grupos de pesquisa em centros como USP, UFRJ, UNICAMP e UFMG vêm aprofundando estudos sobre fermentação de precisão, caracterização de proteínas microbianas e testes sensoriais aplicados ao mercado brasileiro (Almeida et al., 2022). Esses centros têm contribuído para o aperfeiçoamento de técnicas de engenharia metabólica, bioinformática aplicada e modelagem de biorreatores, fortalecendo a base científica nacional.

Paralelamente, novas pesquisas têm investigado a utilização de resíduos agrícolas como substratos para microrganismos produtores de proteína, reduzindo custos e integrando conceitos de economia circular. Estudos recentes indicam que resíduos de cana-de-açúcar, mandioca, milho e soja podem ser convertidos em proteínas microbianas de alto valor nutricional, fortalecendo cadeias produtivas e promovendo sustentabilidade regional (Lima & Barbosa, 2024; Souza et al., 2023).

6.10 Inclusão Social, Democratização Tecnológica e Impacto Econômico

A expansão das proteínas alternativas no Brasil não se limita aos aspectos tecnológicos e ambientais; há também impactos socioeconômicos relevantes. Pesquisas apontam que a descentralização produtiva — especialmente em fermentação e microalgas — pode gerar empregos em regiões rurais, favorecer microempresas e ampliar a inclusão produtiva (Mendes & Varalla, 2022). A adoção dessas tecnologias contribui para cadeias mais curtas, menor dependência de importações e maior autonomia alimentar.

Além disso, políticas públicas voltadas para inovação podem estimular a participação de pequenos produtores rurais, cooperativas e biofábricas locais,

criando novos polos de desenvolvimento sustentável. A democratização tecnológica, aliada a investimentos em formação técnica, pode ampliar o acesso a equipamentos, insumos e conhecimento, diminuindo desigualdades regionais e fortalecendo a bioeconomia nacional (Ferreira & Gomes, 2024).

Integração das Proteínas Alternativas com o Setor Agroindustrial Brasileiro

Ao contrário do que se imagina, proteínas alternativas não competem necessariamente com o setor agropecuário tradicional — muitas vezes, elas se complementam. A indústria brasileira de soja, por exemplo, tem papel estratégico no fornecimento de substratos proteicos para fermentação, enquanto o setor sucroalcooleiro pode fornecer biomassa e energia limpa para biorreatores (Costa & Nunes, 2024). Essa sinergia amplia as possibilidades de inovação e diversifica as fontes de receita.

Estudos recentes destacam que a transição para proteínas alternativas, quando integrada ao agronegócio, pode favorecer práticas de baixo carbono, qualificar mão de obra e levar o Brasil a ocupar posição de destaque no mercado global de ingredientes sustentáveis (Rodrigues et al., 2024). Assim, a integração entre agricultura, biotecnologia e indústria alimentícia torna-se elemento-chave para o futuro do setor.

CONCLUSÃO

Os avanços recentes na área de proteínas alternativas demonstram que o Brasil possui grande potencial para se consolidar como líder na produção de ingredientes proteicos sustentáveis e tecnologicamente avançados. Tecnologias como fermentação de precisão, micoproteínas e cultivo celular têm evoluído de forma significativa, impulsionadas por pesquisas científicas, investimentos privados e expansão do ecossistema de inovação.

Apesar dos desafios — incluindo custos elevados, necessidade de infraestrutura especializada, limitações regulatórias e barreiras de aceitação do consumidor — o cenário brasileiro mostra clara tendência de crescimento e amadurecimento. O fortalecimento da interação entre ciência, indústria e políticas públicas será determinante para que o país alcance vantagem competitiva no mercado global.

Assim, a diversificação proteica no Brasil não apenas atende às demandas ambientais e econômicas contemporâneas, mas também apresenta oportunidades para reposicionar o país como protagonista internacional em biotecnologia sustentável.

No âmbito ambiental, a adoção de proteínas alternativas mostra capacidade de mitigar emissões, reduzir consumo de água e solo e promover sistemas produtivos mais eficientes. Contudo, para que o país alcance seu potencial, será fundamental integrar políticas públicas que favoreçam inovação, regulamentação clara e incentivos para indústrias emergentes. A capacitação profissional e a criação de centros tecnológicos especializados também se tornam elementos essenciais para consolidar uma cadeia produtiva sólida e competitiva.

Outro fator determinante é a aceitação do consumidor brasileiro. Embora haja crescente interesse por produtos sustentáveis e tecnologicamente avançados, ainda persistem barreiras relacionadas à percepção de naturalidade, segurança e sabor. Estratégias de comunicação, certificações e educação alimentar serão cruciais para ampliar a adesão do público e garantir a integração desses produtos no cotidiano alimentar.

Assim, a consolidação das proteínas alternativas no Brasil dependerá da articulação entre ciência, indústria, governo e sociedade. Com investimentos adequados, pesquisas contínuas e políticas estruturadas, o país tem condições de se destacar internacionalmente, contribuindo não apenas para o mercado interno, mas também para a construção de um sistema alimentar global mais sustentável, resiliente e alinhado às necessidades das próximas gerações.

REFERÊNCIAS

- Almeida, R., Costa, V., & Farias, M. (2022). Inovações em fermentação microbiana para proteínas alternativas. *Revista Brasileira de Biotecnologia*, 45(3), 112–129.
- Barros, T., & Antunes, H. (2024). Análise crítica do setor de proteínas alternativas no Brasil. *Cadernos de Sustentabilidade Alimentar*, 6(1), 51–78.
- Batista, L., & Moura, A. (2022). Tecnologias emergentes para produção de proteínas cultivadas. *Revista de Ciência e Tecnologia de Alimentos*, 13(2), 88–104.
- Carvalho, J., Lima, D., & Spínola, A. (2022). Impactos ambientais da produção alimentícia baseada em fermentação. *Journal of Sustainable Food Systems*, 9(4), 201–219.
- Costa, M., & Nunes, L. (2024). Fermentação de precisão aplicada ao desenvolvimento de proteínas no Brasil. *Revista Brasileira de Agroindústria*, 18(1), 33–57.
- Ferreira, P., & Gomes, C. (2024). Desafios regulatórios para carne cultivada na América Latina. *Food Policy & Regulation*, 12(1), 14–39.

Lima, S., & Barbosa, T. (2024). Escalonamento industrial de proteínas alternativas: gargalos e oportunidades. *Revista Engenharia & Sustentabilidade*, 11(2), 144–167.

Martins, V., & Queiroz, J. (2023). Percepção do consumidor brasileiro sobre proteínas alternativas. *Revista de Estudos do Consumo*, 7(3), 203–226.

Mendes, A., & Varalla, L. (2022). Panorama das proteínas alternativas no Brasil: avanços e perspectivas. *AgroTech Review*, 15(2), 45–68.

Oliveira, F., & Castro, C. (2023). Fermentação como solução sustentável para produção de alimentos. *Revista Brasileira de Ciência e Inovação*, 10(1), 75–95.

Ribeiro, M., Souza, A., & Cunha, P. (2023). Sustentabilidade e sistemas alimentares emergentes. *Journal of Environmental Food Studies*, 6(2), 101–129.

Rodrigues, E., Matos, R., & Ferreira, D. (2024). Carne cultivada e suas implicações sociotecnológicas no Brasil. *Tecnologia & Sociedade*, 29(1), 1–22.

Santos, L., Pereira, G., & Duarte, M. (2023). Proteínas alternativas e inovação tecnológica no agronegócio brasileiro. *Revista InovaAgro*, 4(2), 56–82.

Silva, J., & Pereira, L. (2021). Mercado de proteínas alternativas: tendências globais e impacto no Brasil. *Revista de Economia Agrícola*, 68(1), 23–41.

Souza, R., Almeida, G., & Pinto, M. (2023). Sustentabilidade nas cadeias de produção de proteínas alternativas. *Journal of Green Food Systems*, 7(3), 301–322.

Teixeira, A., Mourão, B., & Lopes, F. (2023). Avanços científicos na fermentação de precisão para aplicação alimentar. *Cadernos de Biotecnologia Aplicada*, 19(4), 55–79.